

Dossiê “Estratégias de devotos e brincantes para a religiosidade em tempos de pandemia”**“Umbanda sem paredes”: estratégias para o exercício da religião na pandemia**

Mariana Andreotti Dias

Universidade Federal do Paraná

E-mail: mariana_andreotti_d@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9220-8057>**RESUMO**

“Umbanda sem paredes” foi a consideração de um espírito para os rumos que a Umbanda viria a tomar frente ao período problemático do vírus e doença, Sars-CoV-2 e covid-19, em 2019. “Sem paredes”, refere-se as estruturas físicas da casa sagrada e aos seus limites espirituais. Intenta-se expor as estratégias desenvolvidas pelo Terreiro de Umbanda do Pai Maneco, localizado em Curitiba/PR, para a conseqüente impossibilidade do exercício religioso presencial. As estratégias do Terreiro visaram atender a demanda física e espiritual dos membros e consulentes, por meio do desenvolvimento e adaptação tecnológica e a abertura da maioria das atividades do sagrado para as mídias. Vislumbrou-se perspectivas acerca do que se pensava e sentia sobre o espiritual e fazer religioso, ponderando que a pandemia provocou transformações nas relações sociais, espirituais e ritualísticas, específico da Umbanda, impregnando de outros sentimentos e modulações, algo que, historicamente, fora construído e tido como intocável.

Palavras-chave: Terreiro de Umbanda do Pai Maneco; Estratégias na Pandemia; Umbanda Pandêmica; Geografia Cultural; Antropologia da Religião.

“Umbanda without walls”: strategies for exercising religion in the pandemic

ABSTRACT

“Umbanda without walls” was the consideration of a spirit for the directions that Umbanda would take in the face of the problematic period of the virus and disease, Sars-CoV-2 and covid-19, in 2019. “Without walls”, he refers the physical structures of the sacred house and its spiritual limits. It is intended to expose the strategies developed by the Terreiro de Umbanda do Pai Maneco, located in Curitiba/PR, for the consequent impossibility of in-person religious exercise. Terreiro's strategies aimed to meet the physical and spiritual demands of members and consultants, through technological development and adaptation and the opening of most sacred activities to the media. Perspectives were glimpsed about what was thought and felt about the spiritual and religious practice, considering that the pandemic caused changes in social, spiritual and ritualistic relations, specific to Umbanda, impregnating with other feelings and modulations something, that had, historically, been built and regarded as untouchable.

Keywords: Terreiro de Umbanda do Pai Maneco; Pandemic Strategies; Pandemic Umbanda; Geography Cultural; Anthropology of Religion.

“Umbanda sin muros”: estrategias para ejercer la religión en la pandemia

RESUMEN

“Umbanda sin muros” fue la consideración de un espíritu por los rumbos que tomaría Umbanda ante el período problemático del virus y la enfermedad, Sars-CoV-2 y covid-19, en 2019. “Sin muros”, expresó. se refiere a las estructuras físicas de la casa sagrada y sus límites espirituales. La intención es exponer las estrategias desarrolladas por el Terreiro de Umbanda do Pai Maneco, ubicado en Curitiba / PR, para la consecuente imposibilidad del ejercicio religioso presencial. Las estrategias de Terreiro apuntaban a satisfacer las demandas físicas y espirituales de los socios y consultores, a través del desarrollo y adaptación tecnológica y la apertura de las actividades más sagradas a los medios de comunicación. Se vislumbraron perspectivas sobre lo que se pensaba y sentía sobre la práctica espiritual y religiosa, considerando que la pandemia provocó cambios en las relaciones sociales, espirituales y ritualísticas, propias de la Umbanda, impregnando de otros sentimientos y modulaciones, algo que, históricamente, se había construido y considerado intocable.

Palabras clave: Terreiro de Umbanda do Pai Maneco; Estrategias para la pandemia; Umbanda pandémica; Geografía Cultural; Antropología de la Religión.

Introdução

Meu terreiro não tem paredes, acolhe um ou acolhe mil. (GUIMARÃES, Lucília. Episódio de Podcast “Umbanda sem paredes”, TPM, 16 julho 2021).

Por volta do fim de 2019, muitos países do mundo já anunciavam o advento de uma doença causada pelo vírus Sars-CoV-2. Um pouco mais tarde, em março de 2020, no Brasil, uma mensagem espiritual foi passada para a Dirigente do Terreiro de Umbanda do Pai Maneco (TPM), Mãe Lucília de Iemanjá. Nesta, anunciou-se o início de uma Umbanda diferente do que se vinha praticando ao longo dos mais de 30 anos em Curitiba/Paraná, a “Umbanda sem paredes”.

A “Umbanda pandêmica”¹ é aquela que é praticada em isolamento, sem a presença dos médiuns e público que possuem uma sólida afetividade com o lugar do sagrado e com os espíritos que, assiduamente, se fazem presentes na hora e local dos encontros, ou como são chamados dentro da Umbanda, as giras. A expertise espiritual se revelou em mensagem ao expressar a necessidade do fazer religioso extramuros, de forma a chegar a todos que precisassem, da forma que for.

Diante do vírus e doença que assolaram o mundo todo, algumas reflexões e estratégias foram pensadas pelos membros do TPM como forma a dar continuidade ao exercício da Umbanda de forma não presencial. Para isso, focaram no desenvolvimento e intensificação do uso de mídias que pudessem gerar uma comunicação assertiva e aproximação virtual com os membros e simpatizantes do sagrado.

Por todo o período, mais de um ano de pandemia, foi preciso ainda, fortalecer a confiança no mundo dos espíritos, “invisível” aos olhos humanos, e no poder destes como agentes da saúde espiritual, médicos alternativos para o trato dos adoecidos da mente, do corpo e do espírito. Algo que Giumbelli (2020, p.4) vai chamar de “concepção atomizante (...) a crença vem primeiro, uma relação pessoal entre o fiel e alguma força divina, sendo os rituais coletivos mera consequência disso”.

O lugar, categoria sumária de análise da Geografia, permite averiguar pelas lentes das topofilias, as singularidades e subjetividades dos sujeitos, assim como, o apreço

¹ Termo mencionado no podcast do Terreiro de Umbanda do Pai Maneco (TPM), episódio “Umbanda sem paredes”, por Lucília Guimarães em 16 julho de 2021, referente ao momento em que a pandemia do coronavírus impossibilitou a continuidade dos ritos e transformou a prática da Umbanda.

construído com os espaços e suas arquiteturas. Estes, ao serem analisados em conjunto as perspectivas singulares das práticas religiosas, conferirá perspectivas únicas para o campo da Geografia Cultural e da Antropologia da Religião. Assim, tal conceito será investigado, enriquecendo a leitura subjetiva e etnológica da área de estudo e de seus sujeitos.

Com a pandemia deu-se o advento de uma “abstinência do lugar” conferida em diversos contextos da sociedade e, no caso do TPM, fora sentido pela ausência/falta do rito mediúnico, do compromisso semanal, das amizades, da comunicação com os espíritos e entidades, dos tratamentos à saúde, da rotina sagrada e dimensional etc. Para compreender essas e outras percepções, fez-se uso da técnica de entrevista semi-estruturada, realizada com uma dirigente e uma médium do TPM, com vistas a qualificar e refinar a análise das estratégias, aproximando o estudo de caso da percepção subjetiva e particular do sagrado.

A religião, que seguramente com o nascimento do Estado moderno é constituída como uma questão individual, tem sua validade e efetividade dentro dos círculos coletivos, de caráter totalizante, passando a ser um “fenômeno trans-histórico e transcultural” (ASAD, 2010) da modernidade. Contudo, com o advento da pandemia e insegurança social, teve que ser resgatada em sua subjetividade, praticada mais intensamente pelo indivíduo recluso longe do seu coletivo, modulando-se para a promoção e amparo social.

Diante de tais teorias e também por meio da metodologia descritiva-analítica (GIL, 1991), o Terreiro de Umbanda do Pai Maneco foi inserido no presente estudo de caso como forma a subsidiar as análises sociológica e geográfica do fenômeno da “Umbanda pandêmica”. Por meio de seus materiais digitais e mídias, amplamente divulgadas, fez-se o levantamento de toda a produção e insumos dispostos para o atendimento ao povo de santo. A fim de adentrar a subjetividade dos praticantes da Umbanda do TPM, duas entrevistas foram realizadas em um diálogo aberto característico das entrevistas semiestruturadas.

Os instrumentos têm o propósito de oportunizar uma leitura acerca de algumas nuances impostas à Umbanda pela pandemia do vírus e doença – Sars-CoV-2 e covid-19, e também divulgar o trabalho desenvolvido pelos dirigentes do Terreiro de Umbanda do Pai Maneco e suas estratégias para que a religião fosse uma possibilidade e efetividade no momento de isolamento social e eminência da morte e sofrimento.

Para isso, organiza-se o texto da seguinte forma: primeiramente, uma caracterização geográfica do objeto de estudo, o Terreiro do Pai Maneco, apresentando sua história de fundação, a localização espacial, análise socioeconômica, e os lugares de afeto dos

participantes; após, apresenta-se as estratégias desenvolvidas pelos dirigentes para a continuidade das atividades no período pandêmico, expondo, em seguida, aspectos principais das entrevistas semi-estruturadas realizadas com uma dirigente e uma médium do TPM; por fim, apresentam-se as considerações finais e perspectivas encontradas no estudo para o fazer religioso da Umbanda em tempos de pandemia.

O Terreiro de Umbanda do Pai Maneco

O Terreiro de Umbanda do Pai Maneco (TPM) é um dos mais tradicionais da cidade de Curitiba/PR e conta com 1.656 (TPM, 2021) médiuns ativos distribuídos em 13 giras² acontecendo semanalmente nos períodos vespertino e noturno. Sua tradição se dá pelos mais de 30 anos de existência em Curitiba/PR seguindo a filosofia da Umbanda “Pés no Chão”, formulada e organizada pelo fundador do Terreiro, Fernando Guimarães, o Pai Fernando de Ogum. A filosofia consiste na prática de uma “Umbanda simples e sem mistificações, onde prevaleça o respeito mútuo, a caridade e o amor fraterno como formas de evolução humana” (GUIMARÃES et al., 2019, p.18).

Tais nunciações provêm da trajetória espiritual que seu genitor obteve em vida. Cruzado pai de santo em Curitiba após longa permanência no kardecismo, iniciou suas atividades na Umbanda e consolidou a filosofia que até hoje atrai adeptos e oferta atendimento à uma assistência e/ou consulentes assíduos que buscam as mais diversas resoluções para suas vidas, como o trato às enfermidades do corpo, do espírito e do comportamento.

Segundo o próprio Fernando Guimarães:

Não gosto de segredos e adoro desmistificar o que por conveniência está mistificado por alguns pregadores carentes da ousadia. Não posso entender uma religião que não possa caminhar com a modernidade, a humildade e coragem para mudar conceitos, descobrindo e adotando novos valores. O que hoje é tido como certo pode ser modificado diante de uma evidência mais forte. (...) Entendo o erro, mas não aceito a exploração da religião. Não admito o uso do sangue como elemento de trabalho, por respeito à vida dos animais. Meus mestres são os espíritos e só deles recebo ordens. (GUIMARÃES, Lucília. Episódio podcast “Umbanda sem paredes”, TPM, 16 de julho de 2021).

²As giras são os encontros/reuniões/sessões que acontecem na Umbanda, realizadas por um dirigente (mãe/pai de santo) e seus “filhos de santo”.

Além dos rígidos preceitos fundantes há ainda a perpetuidade do rito estruturado pelo mentor da casa, como a saudação as entidades, os cantos, os gestuais e toda uma rede de médiuns, pais e mães de santos cruzados na filosofia do TPM e que levam os ensinamentos para outras casas umbandistas espalhadas dentro e fora do Brasil.

Para apreender o fenômeno da “Umbanda sem paredes”, é preciso apresentar a espacialização e caracterização do objeto de estudo. O TPM possui uma estrutura física bastante singular, se comparado a tantos outros terreiros espalhados pela cidade de Curitiba e entornos, e com mais 30 anos de história se consolidou como um grupo de crescente notoriedade. Foi fundado por Fernando Macedo Guimarães em 1987, inicialmente com trabalhos realizados sem uma sede própria. Após, os encontros passam a ser realizados na Faculdade Espírita, no bairro Santo Inácio, na cidade de Curitiba. Em janeiro de 1999, mudaram para uma sede própria, localizada no bairro do Santa Cândida, em Curitiba, onde estão instalados até os dias de hoje.

A região em que o TPM está alocado pertence a parte norte da capital do Paraná, Curitiba (Figura 1). Segundo os dados de Censo do IBGE (2010), o setor censitário do bairro do TPM, Santa Cândida, abriga 1.375 pessoas com até 2 salários-mínimos, ou seja, 0,5% da população total do bairro, indicando, em comparação a outros bairros, uma faixa de renda baixa para a população; há ainda um baixo grau de alfabetização, com pelo menos 3 habitantes a cada 100 habitantes.



Figura 1 - Localização Geográfica do Terreiro de Umbanda do Pai Maneco. Fonte e Org.: A autora (2021).

A população residente, predominantemente, é de cor branca e religião católica, marcas da colonização italiana e polonesa. “A colônia foi chamada de Cândida, tanto pela crença religiosa quanto pela homenagem à Cândida de Oliveira, esposa de Lamenha Lins, presidente da província na época” (APOLAR ADM, 2008, on-line). Mas tais predominâncias não impediram a chegada e perpetuidade da Umbanda no local.

A história do TPM em Curitiba é muito importante porque desmistificou muito, fez com que a religião tivesse um outro rumo e outra importância. Fez com que a Umbanda entrasse nas famílias e hoje temos famílias inteiras dentro do terreiro. (GUIMARÃES, Lucília. Episódio podcast “Umbanda sem paredes”, TPM, 16 de julho de 2021).

O TPM possui a presença significativa de grupos familiares geracionais, corroborando e ampliando a ideia afetiva do lugar sagrado, assim como, o sentimento de pertença, característico dos grupos familiares. As instalações físicas (Figura 2) são amplas e fornecem segurança e conforto para todos os membros que desejam cultivar seus santos e Orixás.



Figura 2 – Instalações do TPM. Fonte: Terreiro do Pai Maneco/Instalações, 2021.

Na Umbanda e, em tantas outras religiões africanas, realizam-se oferendas (Figura 3) as entidades e Orixás. Estas são organizadas com o preparo de alimentos (frutos, preparos cozidos, doces etc.), bebidas, folhas, flores, charutos, cigarrilhas, velas etc., como forma a se aproximar espiritualmente das energias e também fazer pedidos e agradecimentos.



Figura 3 - Oferendas para Ogum (esquerda) e para os Marinheiros (direita). Fontes: Terreiro do Pai Maneco/Instagram, 2021.

Tais oferendas são comumente vistas pelas ruas das cidades e, por vezes, acarretam certos desconfortos pela intolerância religiosa que as religiões de matrizes africanas sofrem no Brasil. As pessoas/fiéis que realizam as oferendas constantemente são alvo de agressões e perseguições, sobretudo se expuserem de forma explícita suas indumentárias e simbolismos (roupas brancas, saias e capas, guias, oferendas em locais públicos etc.).

A segurança para os médiuns e simpatizantes realizarem suas oferendas é dada pelo TPM que possui espaços destinados a essas e todas as demais práticas conhecidamente do rito da Umbanda (Figura 4). Os lugares de acolhimento e entregas são: Jardim dos Orixás,

destinado às oferendas/entregas, preces e velas; o Jardim dos Exus e Pombas-gira, entidades “de esquerda” com funções específicas no trabalho de Umbanda, entre elas, encaminhamento de espíritos perturbadores e demandas de desequilíbrio; o Herbário Caboclo Akuan, nome do Chefe Espiritual do TPM, onde se cultivam ervas utilizadas nos trabalhos; além de amplo estacionamento, cantina, vestiários, espaços de convivência, banheiros etc.



Figura 4 - Instalações do TPM. Jardim dos Orixás (esquerda superior); Estacionamento (direita superior); Herbário (direita inferior). Fontes: Terreiro do Pai Maneco/Instagram e Instalações, 2021.

Além das estruturas supracitadas, o TPM também possui em sua filosofia “Pés no Chão” uma solidez de princípios e valores fundamentados em termos legais, com estatuto próprio de pessoa jurídica de direito privado sem fins lucrativos. Tal determinação fornece a liberdade de criação, organização, estruturação interna, sendo vedado ao poder público negar-lhes reconhecimento ou registro dos atos constitutivos, assim como, garantias e proteções legais aos membros e dirigentes/conselheiros da instituição, assegurando-os o direito pleno das atividades.

Todas essas características corroboram para a construção da afetividade no lugar, operada pelos seres humanos de duas formas: por experiências e por singularidades, e tais percepções são ainda mais latentes no espaço e no fazer religiosos. “O lugar como experiência caracteriza-se principalmente pela valorização das relações de afetividade

desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao ambiente” (GIOMETTI; PITTON; ORTIGOZA, 2012, p. 35).

Tais nuances são vislumbradas desde o ingresso dentro da casa até em sua conseqüente permanência na Umbanda do TPM. A instituição requer a presença assídua dos seus membros e a construção da afetividade se dá com o tempo, pela rotina entre os grupos, seja no grupo maior (terreiro como um todo, junção de todas as giras), seja nos pequenos grupos (grupo específico das giras), onde aconteceram as trocas de experiências e a consolidação da ideia de pertença no indivíduo: “o lugar é resultado de significados construídos pela experiência, ou seja, trata-se de referenciais afetivos desenvolvidos ao longo de nossas vidas” (GIOMETTI; PITTON; ORTIGOZA, 2012, p. 35).

Assim, o lugar experienciado não está suspenso apenas na localização geográfica, no caso, o bairro do Santa Cândida onde aloca-se o TPM, está construído pelo envolvimento, segurança, conforto estrutural e consolidação de raízes dos seus membros. Tais características propiciam a percepção e a amplitude de uma “abstinência do lugar” sentida pelos umbandistas do TPM no período da pandemia.

O período expôs inseguranças sobre a vida, a saúde e as relações, amplamente fortalecidas no contato físico e na troca de afeto expressas pelo corpo. Além desses aspectos carnis da vida humana, também há a ausência do contato espiritual que concedia em suas mensagens, confortos, segurança e prospecções sobre o modo de agir mais adequado entre os seres vivos.

Uma outra percepção sobre a abstinência do lugar está em um importante detalhe sobre a doutrina pregada pelo TPM: a proibição de qualquer tipo de sessão/encontro/chamado espiritual longe dos muros da casa e dos horários determinados das giras. Assim se estabeleceu pela insegurança eminente de uma prática sem a “licença” concedida pelas entidades espirituais e pelos dirigentes específicos e “liberados” para tais, como os pais e mães de santo que tem a função de proteger seus filhos de santo de qualquer tipo de eventualidade, como por exemplo, o contato com a energia de espíritos maléficos que poderiam causar-lhes sérios danos psico-espirituais.

Os cuidados que um pai e mãe de santo ofertam aos seus “filhos” também constituem o afeto presente na categoria “lugar” que pode ter “uma acepção a partir de visões subjetivas vinculadas às percepções emotivas”, sendo um exemplo de sentimento topofílico (TUAN, 1975, p. 1015 *apud* GIOMETTI; PITTON; ORTIGOZA, 2012, p. 36).

Entendendo que os médiuns, por vezes, sofrem com tais interferências e tantas outras necessidades, o TPM ampliou suas atividades nas mídias, assim como, o contato mais instantâneo entre os dirigentes (pais e mães de santo) com seus filhos de santo, ou como também são chamados, a corrente. Com 13 giras, ou seja, 13 pequenos grupos dirigidos por um pai ou mãe de santo, esse contato se tornou necessário contra a imposição da distância física.

As características específicas supracitadas tiveram o intuito de expor como é a construção do lugar de afeto, exemplificada pelas práticas e vasta história do TPM na cidade de Curitiba/PR, enunciando que o contato físico é fator essencial para o exercício religioso pleno, levando-nos a reflexões sobre a dimensão que tal categoria, o lugar, possui na vida humana, e em ausência, prejudica as experiências e singularidades dos sujeitos.

O fazer religioso e/ou espiritual, longe das estruturas físicas das casas sagradas, atçou sensações, fragilidades e, sobretudo, demandou que estratégias fossem pensadas para fortalecer a confiança na religião. Assim, a intensificação e o desenvolvimento de toda a estrutura de mídia do TPM são expostos a seguir.

Estratégias do Terreiro de Umbanda do Pai Maneco para o Exercício da Umbanda Pandêmica

Antes da chegada da pandemia do vírus e da doença, Sars-CoV-2 e covid-19, o TPM realizava todas as suas atividades na forma presencial, ou seja, as giras aconteciam semanalmente, com um dia específico para cada um dos pais e mães de santo, no período de cerca de 4 horas, assim como, demais encontros, como as giras de desenvolvimento (fechadas para cada dirigente auxiliar seus filhos de santo no desenvolvimento mediúnico). Além das giras, também aconteciam eventos como a festa anual “Não Bata a Cabeça à Toa”, Festa Junina, Feijoada de Ogum e as Giras Especiais, como a da Mata (realizada em Morretes/Paraná), da Praia (realizada na praia de Pontal/Paraná), dos Animais e de Leito (saúde/cura).

O TPM também oferta cursos formativos que possuem papel fundamental em sua dinâmica, e tem o intuito de evidenciar a Umbanda para todos que desejam, filiados ou não. Exemplos são os Cursos de Canto e Atabaque (Figura 6), Capoeira, Ervas e Plantas de Terreiro, Estudos Dirigidos sobre a Mediunidade e Eventos Especiais.

Observando o universo das religiões de culto aos orixás, encontramos situações interessantes. Nessas religiões, as festas e outros rituais coletivos são essenciais. Na impossibilidade destes acontecerem, mães e pais de santo usam certas tecnologias para manter o contato com seus filhos, disseminando mensagens ou ficando disponíveis para atendimentos individuais. (GIUMBELLI, 2020, p. 506).

O contato entre os dirigentes e seus filhos de santo sumariamente se dava nos períodos das giras, de forma a organizar as dinâmicas do trabalho e orientar acerca das posturas e acontecimentos da vida do médium. O contato com o público não era diferente, bastava a chegada no TPM para que uma senha fosse entregue e a consulta com as entidades acontecessem.

Há ainda o curso preparatório ofertados pelos dirigentes para os indivíduos que desejam ingressar nas giras do TPM. Tal curso por muito tempo fora ofertado no modo presencial, mas antes mesmo da chegada da pandemia, a direção do TPM já estava organizando toda a sua estrutura no formato EaD, sendo atualmente desta forma ofertado (Figura 7).

Além do contato presencial, o TPM também já possuía uma série de informações em seu site, com direcionamentos e orientações sobre os trabalhos, dias das giras, entidades, espíritos, história, leituras e organização de suas dinâmicas. Com o advento da pandemia todas essas ofertas tiveram que ser repensadas (Figura 5), afinal, mais de 1.600 médiuns foram obrigados a romperem suas rotinas espirituais, assim como, um público assíduo, cerca de 1.000 pessoas por semana em visita às giras, que ficou sem o contato e envolvimento com o lugar sagrado da Umbanda.

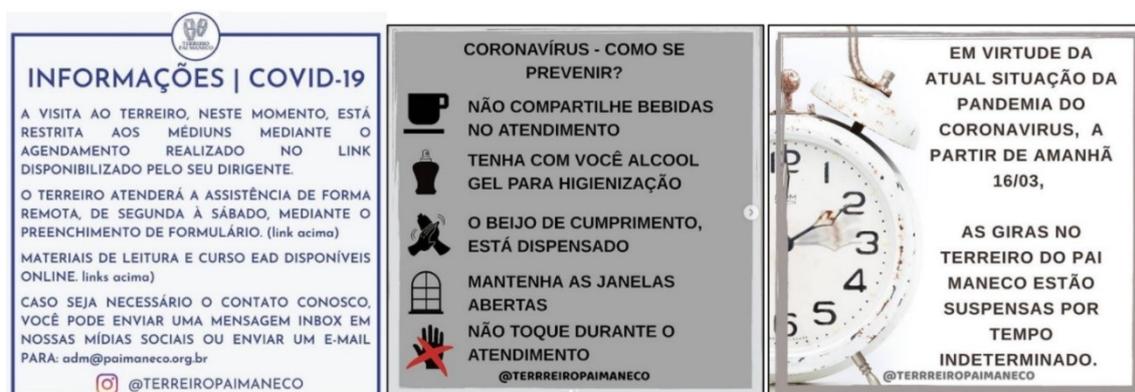


Figura 5 - Informativos sobre o andamento dos trabalhos e prevenção na pandemia. Fontes: Instagram TPM, 2021.

Em princípio, com a chegada da pandemia, todos os pais e mães de santo do TPM organizaram grupos de WhatsApp com seus filhos de santo, como forma de fornecer orientações gerais sobre a posição do TPM frente ao isolamento social, amparo mais imediato para qualquer necessidade espiritual e também organização dos encontros semanais em pequenos grupos.



Curso permanente de Canto e Atabaques

Todos os sábados, das 14h30 às 17h30

O curso é dividido em turmas, então apenas pessoas previamente inscritas é que podem participar.
Não há custo para a participação

Dúvidas e inscrição:
41 3356-7660

TERREIRO PAI MANEÇO

Figura 6 - Divulgação do curso de Canto e Atabaque do TPM. Fonte: Site TPM, 2021.



EAD do Terreiro Pai Maneco

Curso que aborda a filosofia do Terreiro Pai Maneco. Um compilado, de forma mais dinâmica e sintetizada, de todo o conteúdo do livro Umbanda Pés no Chão.

Saiba mais

Figura 7 - Divulgação do EAD do TPM. Fonte: Site TPM, 2021.

De forma geral, o TPM e seus dirigentes desenvolveram e/ou fortaleceram as suas mídias, com a disponibilização de vídeos de cerimônias antigas no Youtube, Spotify, criação de podcast, aplicativo (Figura 8) com agendamento de giras, calendário, informações e ampla divulgação de conteúdos nas mídias sociais, Instagram (Figura 9) e Facebook, assim como o contato por WhatsApp.



Figura 8 - Divulgação do aplicativo do TPM. Fonte: Site TPM, 2021.



Figura 9 - Mídia do TPM, Instagram. Fonte: Instagram TPM, 2021.

Outras dinâmicas (Figura 10) também foram pensadas como: *lives* semanais com os dirigentes, expondo curiosidades sobre as giras e acontecimentos marcantes do TPM, *lives* musicais, cursos especiais (ervas e tarôs) e grupos de estudos sobre a filosofia do Terreiro e obras consagradas. A direção criou ainda outras duas novas giras para atender médiuns e público com dificuldades de irem as suas giras de costume, flexibilizando e fortalecendo a pertença e assiduidade de todos.



Figura 10 - Chamada e Divulgação de conteúdos como *lives*, *Spotify*, Eventos, Giras Especiais. Fonte: Instagram TPM, 2019 e 2021.

Além de todos os exemplos supracitados, o assistencialismo também fora intensificado dentro do TPM, motivado pela precariedade do acesso e disponibilidade à alimentação básica, vestimentas e apoio emocional na sociedade brasileira. O TPM organizou voluntários para a preparação de alimentos, marmitas e arrecadação de produtos de higiene pessoal, evidenciando de forma prática a caridade e assistência extremamente importantes na filosofia do(a) umbandista.

A importância e afetividade do TPM também foram mensuradas por um questionário “Sentimento de Pertencimento no Terreiro Pai Maneco” organizado pelo grupo de dirigentes do terreiro, que buscaram respostas sobre o “nível do sentimento de pertencimento, influência dos médiuns no terreiro, atendimento de necessidades e memórias afetivas com o terreiro” (TPM, 2021, online), corroborando e indicando a existência do lugar de afeto, assistência e Filosofia, significados pela construção coletiva.

Todas as estratégias até agora apresentadas expõem a necessidade de recursos e principalmente a disposição por parte dos dirigentes e coletivo do TPM que, além de todas as tarefas que possuem, ainda tem em suas condutas a responsabilidade de zelar e proteger seus adeptos. Por serem os líderes religiosos, no caso, os dirigentes - pais e mães de santo, figuras públicas, eles exercem suas autoridades também em momentos de crise ao ditarem condutas, permissividades e proibições para todos os seus seguidores, fiéis, simpatizantes.

Na pandemia tais expressões ficaram mais latentes sendo notório o clamor de diversas lideranças religiosas para a permissividade de seus cultos, ritos, encontros etc. Tais

“liberdades religiosas” apareceram nas mídias “como fundamento para a manutenção das portas abertas e da realização de cultos, com a chance disso se estender ao anúncio de curas ou a promessas de imunização contra o vírus” (GIUMBELLI, 2020, p. 506) e ainda, como uma brecha para a eminente contaminação em massa.

A classificação “serviço essencial” dada pelos órgãos reguladores determinou a possibilidade ou não dos encontros, deixando a cargo dos dirigentes religiosos a tomada de decisão:

isso certamente incentiva dinâmicas mais atomizantes (...) em função do maior acesso proporcionado por uma tecnologia, amplia o alcance da palavra dessas lideranças religiosas e, em alguma medida, interfere nos seus fundamentos. O que ocorrerá após a epidemia, quando os rituais puderem voltar a ser presenciais? (GIUMBELLI, 2020, p. 506).

Tais reflexões indicam que as religiões, neste período pandêmico, estão adentrando o universo legal da sociedade, que pelo menos no caso brasileiro, ainda mantêm suas bases na laicidade, ao clamarem por sua essencialidade e liberdade religiosa em um período em que tais posturas poderiam agravar a contaminação do vírus e incidência da doença.

Acerca das determinações oficiais sobre a restrição as práticas religiosas, o Governo do Estado do Paraná e a Prefeitura Municipal de Curitiba permitiram, em dezembro de 2020, “a celebração de cultos religiosos desde que o espaço destinado ao público tenha ocupação máxima de 30%, garantido o afastamento mínimo de 2 metros entre as pessoas” (GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ, 2020, on-line). Diante deste cenário, o TPM retornou as giras presenciais internas, com marcações distanciais no piso, com número restrito de participantes, a princípio somente membros da casa, e já em 2021, abrindo-se ao público, mediante agendamento, após mais um período, em março de 2021, de fechamento.

Sendo assim, é explícito que o isolamento social conferiu instigações não somente aos membros de uma religião, mas também aos pesquisadores das religiões, sociólogos, antropólogos, geógrafos, filósofos etc., que dificilmente pensavam, ou pelo menos, pouco imaginavam tais contingências em escalas tão grandes, como a escala mundial. Os intelectuais tiveram e ainda têm neste período problemático o exercício da análise, como forma a compreender as forças das religiões na sociedade. Ademais, a pandemia trouxe à tona a valorização do estudo das religiões como instrumentos para analisar o papel social

das religiões e as suas dimensões coletivas e forçosamente, a individual, bastante dependente dos espaços físicos e das orientações de seus dirigentes.

A questão que se põe é: “qual a concepção de religião em jogo quando se pressupõe que a um grupo de pessoas é indiferente poder se reunir para praticar suas crenças?” (GIUMBELLI, 2020, p.507), e a tantas outras é mais do que necessária a presença física?

Para aproximarmos dessas respostas, duas entrevistas semi-estruturadas foram realizadas com uma dirigente e uma médium do TPM que vivenciaram e ainda vivenciam todas as novas configurações impostas e pensadas pelo grupo dirigente para o exercício das giras e princípios da Umbanda do TPM.

Terreiro do Pai Maneco como lugar da experiência e da singularidade

As entrevistas semi-estruturadas seguiram os pressupostos demonstrados por Minayo (2010, p. 261) como a “combinação de perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”. Os nomes apresentados a seguir são fictícios como forma a preservar as convidadas de qualquer desconforto.

Para a organização das entrevistas fez-se necessária a roteirização de algumas perguntas, servindo também como disparadoras para as conversas e percepções subjetivas. Ao todo foram encaminhadas às interlocutoras, via WhatsApp, 10 perguntas, e a partir das respostas deram-se a réplica e a tréplica, ora por áudio, ora por escritas.

As perguntas disparadoras foram: 1. Como você vê a experiência e singularidade de ser umbandista no Terreiro de Umbanda do Pai Maneco?; 2. Como você percebe a construção da afetividade/pertencimento dentro do Terreiro de Umbanda do Pai Maneco?; 3. Neste período de pandemia você se sentiu desamparada (em qualquer aspecto)?; 4. Como o rito da Umbanda está/ficou nesse período?; 5. Na sua opinião, quais são os pontos negativos e positivos desse período na Umbanda do TPM?; 6. Qual(is) é(são) o(s) aprendizado(s) deste período?; 7. Você sentiu falta das estruturas físicas da casa? (espaços de convivência, salão, jardins etc.)?; 8. Cite exemplos de como é a prática de uma Umbanda pandêmica (ritual, contato, mensagens, pontos etc.); 9. O que você acha do desenvolvimento midiático que o TPM realizou durante esse período (podcasts, grupos no WhatsApp, Instagram, Youtube)?; 10. O que você acha da abertura de novas giras nesse período?

Sabe-se que o uso de perguntas, aparentemente fechadas como as supracitadas, podem prejudicar, em muito, o desenvolvimento de uma interlocução e elucidação das hipóteses, mas, faz-se a tentativa por levar em consideração que a etnografia aqui se realiza em ambiente virtual, e por isso, fica originalmente limitada e modulada. Desta forma, aposta-se que “os recursos e as limitações dos métodos são revelados na prática e, portanto, não é possível, por exemplo, saber de antemão (...), quais perguntas devem ser feitas (...)”. Acreditando ainda que as decisões “sobre o método são tentativas e sua efetividade é avaliada em retrospecto” (HINE, 2020, p.4-5).

Assim salvaguardado, a primeira entrevista foi feita com uma dirigente do terreiro que exerce a função de capitã³. Os(as) capitães(ãs), segundo os pressupostos do TPM (2017, on-line) “(...) são os que auxiliam nos trabalhos e cuidam das coisas do terreiro (...)”, estando em uma posição hierárquica, abaixo dos pais e mães de santo e pais-pequenos e mães-pequenos. Dessa forma, os(as) capitães(ãs) “jamais podem substituir as tarefas dos dirigentes maiores, a não ser que lhe seja especificamente autorizado para tal”. (TPM, 2017).

A escolha de uma pessoa da hierarquia do TPM para a entrevista teve o intuito de compreender como se deu a organização de todas as estratégias para o período da pandemia, assim como, as problemáticas e ocorrências enfrentadas pelo grupo responsável pela casa. Além disso, hipotetiza-se que a percepção e apreensão que os membros-dirigentes possuem sobre todo o rito e desenvolvimento dos médiuns “não-hierárquicos” é totalmente diferente da vivenciada pelo público, assistência, que vai ao terreiro, assim como, pelos médiuns da corrente. Como forma a confirmar tais percepções, a segunda entrevista será feita com uma médium da casa, que não possui hierarquia.

A primeira pergunta para a dirigente fora pensada com vistas a identificar a sua percepção sobre a experiência e singularidade de ser umbandista no TPM:

não existe singularidade, somente experiência, não há algo específico que torne o TPM exclusivo, que outros terreiros não tenham. Eles têm organização hierárquica e infraestruturas boas, já outros aspectos como força, amor, trabalho

³A escolha de um capitão ou capitã dentro do terreiro se dá pela concordância entre espíritos e dirigentes maiores, os pais e mães de santo. Tais pessoas são escolhidas para assumir compromissos com a gira e sua organização cotidiana e isso se dá por uma série de motivos: seja pela confiança dos dirigentes ao médium, pelo trabalho já desenvolvido na gira, pela responsabilidade, maturidade etc. Após a escolha da pessoa, realiza-se o “cruzamento”, uma espécie de consagração/batismo carregado de energias e abertura de “chacras/canais” de contato entre o mundo dos seres humanos e o mundo espiritual.

das entidades acontecem em outros locais também. (Joana, dirigente do TPM, 34 anos, 30/08/2021).

Verifica-se que, de fato, a estrutura física do TPM é um ponto relevante, além disso, imagina-se, pela comparação, que há uma experiência e/ou contato da dirigente com outras casas.

Já, quando questionada sobre a afetividade e pertencimento com a casa, a mesma deixa perceptível que o dirigente (no seu caso, um pai de santo) é o responsável pela construção desse sentimento:

Demorou muito para essa construção da minha afetividade, já o pertencimento foi rápido, ao entrar foi possível perceber a vontade de estar e ficar ali. Eu senti que ali era um lugar legal, que trouxe pertencimento. O dirigente também ajuda nisso e trouxe esse pertencimento. A construção da afetividade foi também por essa direção, o pai ou mãe de santo tem papel nisso. As opiniões batiam, os gostos, a direção de todas as situações, se isso estiver alinhado com os princípios do médium acontece a construção do pertencimento e afetividade. A primeira gira que a pessoa entra já constrói a afetividade pelo dirigente daquela gira. (Joana, dirigente do TPM, 34 anos, 30/08/2021).

Em relação ao período de isolamento e pandemia, a dirigente, mesmo sendo parte do grupo da hierarquia, alega não ter se sentido desamparada, nem mesmo sentiu falta da estrutura física da casa, contudo, sentiu muita falta da rotina de ir ao terreiro, pelo menos uma vez por semana, e “estar com as pessoas, conversar e ajudar nas tarefas” (Joana, dirigente do TPM, 34 anos, 30/08/2021).

Sobre o exercício da Umbanda pensado para o momento da pandemia pelo grupo de dirigentes do TPM, a entrevistada revela que o ritual tradicional foi alterado. Antes da pandemia, a gira acontecia em pelo menos 4 horas, agora se dá em no máximo 2h30min. Para cumprir com esse tempo:

Não se canta as mesmas músicas de antes, cortamos a saudação as entidades da casa, saúda-se apenas o essencial (...) está bem suscito (...) está até melhor e menor, antes era muito extensa e a gente acaba dando conta de tudo que tem que fazer naquele horário, quando o horário é mais flexível você deixa a coisa mais solta, é um ponto positivo trazido pela pandemia”. (Joana, dirigente do TPM, 34 anos, 30/08/2021).

Ainda em relação a essa mudança de ritual e também sobre os pontos negativos e positivos desse período pandêmico vivenciado na Umbanda do TPM, a dirigente relata que o terreiro possui infraestruturas e organização excelentes e isso confere conforto para as pessoas que o frequentam e são membros de lá, sendo então pontos positivos, no contexto da pandemia ou não. Já em relação aos pontos negativos, a mesma não atribui ao momento pandêmico e sim, aos seres humanos e sua natureza, repleta de conflitos, inseguranças etc. “(...) em qualquer lugar que você vá irá encontrar pessoas legais e ruins, (...) tem aquela soberba, falta de união (...)” (Joana, dirigente do TPM, 34 anos, 30/08/2021).

Acrescenta ainda que a pandemia e o isolamento do terreiro e do convívio nas giras afetou de muitas formas, sobretudo em relação ao aprendizado:

Tudo que eu senti que foi trabalhado em mim, nesse período são as aprendizagens pessoais, é o trabalho do meu egocentrismo, a humildade, disciplina, abrir mão das coisas que eu penso para ouvir um pouco o outro, mesmo sem concordar. Muito aprendizado, toda a parte das entidades, o contato com as entidades é maravilhoso, acalma a preocupação com as outras pessoas, com o mundo, o Planeta. O olhar sobre mim mesma era algo que eu precisava muito melhorar, para meu entendimento. Aconteceu agora, tempos depois, não antes. O trabalho em prol de todos. (Joana, dirigente do TPM, 34 anos, 30/08/2021).

Apesar de todas as reflexões que o isolamento permitiu, Joana sente falta da Umbanda não pandêmica, pois acredita que a Umbanda é contato:

É estar junto, ouvir, tocar, aprender, ensinar, e sem isso, fica muito difícil (...) porque as vezes precisamos falar próximo da pessoa, as mensagens das entidades, a comunicação é muito ruim, difícil entender o que está sendo falado, tentar ouvir os pontos, os cantos, ouvir uma consulta é difícil, quando a entidade do dirigente quer dar algum recado também é muito difícil. (Joana, dirigente do TPM, 34 anos, 30/08/2021).

Sobre as estratégias pensadas e desenvolvidas pelo grupo de dirigentes do TPM, a capitã alega que achou interessante e necessário para as pessoas, “uma forma de evitar o esquecimento do terreiro, serve também para a distração das pessoas e para elas não

perderem esse contato ‘físico’ que ajuda a manter o contato espiritual”. (Joana, dirigente do TPM, 34 anos, 30/08/2021).

Nota-se que as exposições da dirigente do TPM indicam que a construção do sentimento de afetividade está, em parte, dissociada das estruturas físicas da casa, e predominantemente pautada na relação que a mesma possui com o grupo de dirigentes e médiuns. A falta da rotina revela também que há uma singularidade no rito das religiões afro-brasileiras, se comparada a outras religiões e ritos, e isso se deve pelos traços específicos da Umbanda, com seu movimento gesticular, cantos e toques de atabaques, cumplicidade e afinidade entre as pessoas, entidades e dirigentes. Todas essas nuances foram amplamente prejudicadas pela impossibilidade, mesmo com o retorno presencial, de acontecer em sua plenitude.

A próxima entrevista foi realizada com uma médium do TPM. Jéssica, está na corrente há mais de 4 anos, tem 35 anos e nunca foi membro de nenhum outro terreiro. Foi no TPM que de fato assumiu-se como umbandista, sobre esses aspectos a mesma indica:

(...) senti que tinha chegado aonde eu sempre procurei e deveria estar. É uma singularidade única, uma experiência bem necessária para mim e muito pontual naquele momento da minha vida. Vejo como a minha estrada, o meu caminho. Que devo caminhar para ser mais do que um instrumento, cavalo das entidades, mas, para mim mesma, eu e eu, para que eu seja uma pessoa boa, lidar com os traumas, as inseguranças. As entidades, minha mãe de santo me ajudam muito com isso. Me sinto muito especial, é muito bom estar ali dentro. É uma Umbanda bem racional a “pés no chão”, filosofia. Tem essa coisa da espiritualista, mística e é bem racional e sensata a que se pratica ali. (Jéssica, médium do TPM, 35 anos, 30/08/2021).

Além de assumir-se como umbandista pela primeira vez, Jéssica acredita que sua afetividade e sentimento de pertença com a casa em muito se dá pela identificação e mudança positiva que percebe em si, “acho que eu melhorei bastante, para aquele ‘bicho de mato’ que quando chegou ficava no canto na casinha, perto do jardim, hoje eu já converso, já brinco” (Jéssica, médium do TPM, 35 anos, 30/08/2021).

O lugar sagrado e a religião, naturalmente, propiciam o advento das relações humanas mais intensas, seja pela partilha dos mesmos ideais e objetivos, seja pela música, pelas místicas, magia, crença etc.

Em relação a um possível desamparo no momento pandêmico, Jéssica expõe que tal situação não a acometeu. Dada a impossibilidade das giras presenciais, elas foram transpostas para um curto momento de encontro online, e neste período do dia, Jessica relata que fazia questão de se recolher, ajoelhar-se e se resguardar, como se nada tivesse se alterado, como se estivesse dentro do TPM:

Eram 30/40 minutos onde eu ficava reclusa no meu quarto e ouvia o áudio da minha mãe de santo que encaminhava naquele período normal de gira. Pedíamos pelos doentes, nomes que chegavam pedindo ajuda, as vibrações eram intensas, tinha sim uma extensão, aquela “umbanda sem paredes”, aquilo que minha mãe de santo diz “Oxalá olha seu coração” então cuidem bem de seus corações. (Jéssica, médium do TPM, 35 anos, 30/08/2021).

Jéssica identifica pontos negativos causados pelo isolamento e ausência das giras do TPM, pois “o TPM funcionava como uma válvula de escape para extravasar todos os problemas da minha vida (...) A Umbanda não resolve seus problemas ela te capacita para você conseguir resolvê-los” (Jéssica, médium do TPM, 35 anos, 30/08/2021). Apesar dessa ausência não se viu desamparada, sobretudo por sua mãe de santo que sempre se pôs disponível.

Também percebe, como ponto positivo, e de forma bastante similar a dirigente previamente ouvida, o desenvolvimento pessoal que sofreu:

O mais importante para mim, neste período de isolamento, é a minha auto reflexão, o que eu tenho que consertar em mim, no meu coração, lidar comigo mesma, minha vida. Quando as giras retornaram recebi um papel da minha dirigente para anotar algo que as entidades, ao incorporar, quisessem partilhar, ou se sentissem alguma intuição era para escrever. E ao receber um preto-velho ele escreveu a mensagem “se você não confia em você, não tem porque você confiar em nós, as coisas não vão acontecer, a gente não vai conseguir ajudar você”. Trabalhar a minha própria insegurança, olhar para mim mesma e ver que não sou tão forte como achei que fosse (...). Você é a espiritualidade, não a casa espiritual. A partir do momento que você é um cavalo, dá a passagem, então já começa aí, saber a lidar com esse templo espiritual que é seu corpo. Você precisa constantemente cuidar do seu corpo, seus pensamentos, suas energias para que não ocorra nenhum contratempo. (Jéssica, médium do TPM, 35 anos, 30/08/2021).

Em relação ao rito da Umbanda, Jéssica acredita que não houve prejuízos, mesmo com a obrigatoriedade do uso de máscara, *faceshield* e distanciamento, “não vejo a perda na força e essência” (Jéssica, médium do TPM, 35 anos, 30/08/2021)., entendendo que as adaptações visaram o tempo todo o bem-estar coletivo. Mas, a ausência do lugar, da casa sagrada é sentida:

Mesmo quando não estava permitida a gira, podíamos ir ao espaço acender vela e ver o congá (altar) e era muito bom. E a gente precisa disso, o sentir, o ver. O sentir as vezes começa pelo ver, pelo tocar, então estar dentro dali saudar suas linhas, entidades, ajuda bastante, os jardins. Faz falta sim. É bom não ter a dependência da casa, saber que não é ela que promove as melhoras, os benefícios, mas a casa é o corpo, o recipiente de todo o corpo espiritual. Lembrar do toque do atabaque, ver o trabalho acontecendo, sentir os ritmos. As pessoas as vezes vão alí, tem tanta confiança na casa, nas entidades, é tanta responsabilidade e isso é gratificante. (Jéssica, médium do TPM, 35 anos, 30/08/2021).

Sobre a prática da Umbanda pandêmica, Jéssica expõe outras percepções sobre o trabalho desenvolvido na gira, enfatizando que a responsabilidade dos dirigentes é muito grande, e em sua opinião, mais do que antes da pandemia, já que agora, durante as consultas dadas pelas entidades “incorporadas” nos médiuns, não há mais a presença dos cambones⁴, responsáveis por tomar nota de tudo que é dito entre consulentes e entidades.

Além desse aspecto, a quantidade de demandas e pedidos provenientes dos consulentes e assistência é grande, não que isso tenha mudado, pois sempre fora assim, mas agora não é mais permitido o consolo dado pelo contato físico. “Não tocamos nas pessoas, os cuidados são redobrados. Temos álcool e fogo juntos, (...) entidades querem o toque, querem o contato e não podem, então exige mais atenção e cuidado” (Jéssica, médium do TPM, 35 anos, 30/08/2021).

Sobre as estratégias de mídias desenvolvidas pelo grupo de dirigentes do TPM, Jéssica vê como um momento muito importante e uma forma de conexão, em que “o TPM se faz presente, divulga a sua história e ampara as pessoas à distância”. As mídias do

⁴ Como auxiliar das entidades, cabe ao cambone ser o intérprete da mensagem entre a entidade e o consulente, além de um defensor da entidade e da integridade física do médium. Cabe a ele cuidar do material da entidade, orientar o que acontece em sua volta e também ajudar o entendimento do consulente, pois a linguagem do espírito nem sempre é entendida, mas ao cambone fica claro já pela sua intimidade com o comportamento do espírito que ele serve (TPM, 2021, on-line).

TPM são amplamente seguidas (15 mil seguidores no Instagram), tanto por seus membros, como por outros terreiros do Brasil e países como Portugal, México, Inglaterra.

Assim, pelo discurso disponibilizado pela médium percebe-se que a “abstinência mediúnica” é pouco sentida, em razão das estratégias desenvolvidas pelos dirigentes do TPM e a conseqüente crença na presença espiritual. Ou seja, a afetividade e singularidade que o TPM construiu ao longo dos anos na vida de Jéssica foi o alicerce para o enfrentamento do período de distanciamento. Além disso, é explícita a confiança plena em seu dirigente, que também possui importante papel nessa construção, ofertando amparo para suas aflições pessoais.

Considerações Finais

Todas as considerações supracitadas forneceram inúmeros subsídios que poderiam ser postos em análise em diversos campos do conhecimento, das ciências que estudam as religiões, da Geografia Cultural, da Saúde Coletiva, da Medicina Alternativa e Tradicional, da Psicologia, da História, das Ciências Sociais, Filosofia, etc., sendo, dessa forma, consideradas dentro de um campo interdisciplinar de estudos bastante necessários em nossa sociedade.

Mas, retendo as considerações dentro dos objetivos primariamente pensados, o que pôde ser concluído, e de forma bastante alheia, respeitando as palavras e expressões das interlocutoras, é que as estratégias do grupo que compõe e é responsável pela direção do TPM proporcionaram o amparo, a proximidade e o fortalecimento dos vínculos sociais e afetivos entre todos os seus adeptos e simpatizantes extramuros da casa, ou seja, aqueles que não são filiados.

É perceptível a transformação pessoal proporcionada pelo momento problemático da pandemia nos adeptos do TPM, pelos menos nas duas interlocutoras ouvidas, principalmente em relação ao eu-subjetivo e ao todo da coletividade, assim como, pela postura umbandista íntegra frente ao próximo e ao coletivo.

Dessa maneira, percebe-se que as interlocutoras se veem preenchidas de sensibilidades e solidariedades afloradas pela prática da Umbanda, em um movimento de migração dos seus lugares íntimos subjetivos, moldados e construídos por suas histórias, memórias, culturas, e vistos por um único prisma, para sujeitas religiosas propulsoras de mudanças na sociedade.

Acerca da escolha metodológica e dos métodos, apesar da rigidez que as perguntas pré-estabelecidas fornecem, estes foram satisfatórios pois permitiram as interlocutoras espaços e tempos confortáveis para a reflexão e liberdade as suas palavras. Acolhendo assim, o que Hine (2020, p. 15) diagnosticaram como “internet incorporada” em que os objetos vão “(...) se adaptando às necessidades que nós ainda sequer sabemos que temos (...)”.

Em relação as estratégias desenvolvidas pelos dirigentes do TPM, elas foram compreendidas, segundo as entrevistas, como extremamente satisfatórias e necessárias para o momento de reclusão obrigatório, corroborando com o que Pierre Lévy vai indicar desde os anos 1996 como “a perpetuidade do virtual”. Aquém de serem mídias audiovisuais potencializadas no tempo da pós-modernidade, serviram, no caso do TPM, como alicerces para a ausência e distanciamento sociais, favorecendo a manutenção do sentimento de pertença. Até mesmo, assim como indicam Hine (2020, p. 14-15), a internet é uma experiência “(...) incorporada em várias molduras contextuais, instituições e dispositivos, (...) é corporificada e, conseqüentemente, altamente pessoal (...)”.

Considera-se que tais processos podem ser conferidos a singularidade que o lugar de afeto mantém em todos os seres humanos, e este ao ser objetificado junto a prática sagrada das religiões, ganha outras proporções: sociais, culturais e relacionais.

Ademais, o lugar, posto como categoria de análise, foi mutuamente correspondido no presente estudo de caso, evidenciado pela infraestrutura física do TPM, mas também pela singularidade como construção afetiva. Deixando a cargo dos sujeitos a sua perpetuidade, renovação e reconstrução, como agora, em tempos (ainda) de pandemia.

Tais percepções foram averiguadas no presente e breve estudo em que o TPM foi alvo, assim como, também relatado pelos entrevistados. Restando como reflexão a existência e força do papel social da(s) religião(ões) que em um cenário de pandemia se mostrou(aram) além do que normalmente se vê, se lê e se pesquisa. E, no caso a Umbanda do TPM, conseguiu ser extrapolado, no seu rito e no serviço de assistência, suportando e construindo toda uma rede de encontros e possibilidades para um mundo que se apresentou incerto e inseguro diante de questões políticas, econômicas e sociais.

Referências

APOLAR. Administração. *Bairros Curitibanos*. Curitiba: online. Disponível em: <<https://www.apolar.com.br/blog/bairros/curitiba/santa-candida/>>. Acesso em: 12

ago. 2021.

ASAD, Talal. *The new metaphysicals: Spirituality and the American religious imagination*. Chicago and London: University of Chicago Press, 2010.

COSTA, Waldney de Souza Rodrigues; SILVEIRA, Emerson José Sena da; SILVEIRA, Diego Omar da. Os estudos da religião em tempos de covid-19. Entrevista com Rodrigo Toniol. PLURA, *Revista de Estudos de Religião*, v. 12, n. 1, p. 15-29, 2021.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 3ª edição, 1991.

GIOMETTI, Analúcia Bueno dos Reis; PITTON, Sandra Elisa Contri; ORTIGOZA, Silvia Aparecida Guarnieri. Leitura do Espaço Geográfico Através das Categorias: Lugar, Paisagem e Território. *Conteúdos e Didática de Geografia*. Unesp/SP: Universidade Virtual do Estado de São Paulo, 1ª edição, v.8, p. 33-40, 2012. Disponível em:

<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47175/1/u1_d22_v9_t02.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2021.

GIUMBELLI, Emerson. Religiões em tempo de pandemia. In: GROSSI, Miriam; TONIOL, Rodrigo (org.). *Cientistas sociais e o Coronavírus*. Boletim n. 33. São Paulo: ANPOCS; Flori-anópolis: Tribo da Ilha, 2020. p. 506-509.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. *Estado amplia medidas para conter a circulação do coronavírus*. Dezembro, 2020. Disponível em: <<https://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=109956>>. Acesso em 29 ago 2021.

GUIMARÃES, Fernando. *Grifos do Passado*. Curitiba: Editora, 2017. Disponível em: <<https://www.paimaneco.org.br/leitura/livros/>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

GUIMARÃES, Lucília Mello; MENDES, Maria Cristina; CAROLLO Laércio Ricardo Mattana; WANDERLEY Carolina de Castro. *Terreiro do Pai Maneco: Umbanda Pés no Chão*. Curitiba, edição do autor, 2019. Disponível em: <https://www.paimaneco.org.br/sitenovo/wp-content/uploads/2020/02/A-Umbanda-do-TPM_site.pdf> Acesso em: 26 dez. 2021.

HINE, Christine; PARREIRAS, Carolina; LINS, Beatriz Accioly. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. *Cadernos de Campo*, v. 29, n. 2, p. 1-42, 2020..

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. Sidra. *Variáveis Socioeconômicas*. Dados Censitários, 2010.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 261-297.

TPM. Terreiro de Umbanda do Pai Maneco. *Terreiro do Pai Maneco completa 30 anos!*. 2017. Disponível em: <<https://www.paimaneco.org.br/2017/02/02/terreiro-do-pai-maneco-completa-30-anos/>>. Acesso em 12 ago 2021.

TPM. Terreiro de Umbanda do Pai Maneco. *Hierarquia*. 2017. Disponível em: <<https://www.paimaneco.org.br/2017/07/20/hierarquia/>>. Acesso em: 11 set. 2021.

TPM. Terreiro de Umbanda do Pai Maneco. *Cambones*. 2021. Disponível em: <<https://www.paimaneco.org.br/filosofia/cambones/>>. Acesso em: 11 set. 2021.

TPM. Terreiro de Umbanda do Pai Maneco. *Instagram*. 2021. Disponível em: <<https://www.instagram.com/terreirópaimaneco/?hl=pt-br>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

TPM. Terreiro de Umbanda do Pai Maneco. *Sentimento de Pertencimento no Terreiro Pai Maneco*. 2021. Disponível em: <<https://www.paimaneco.org.br/2021/06/17/sentimento-de-pertencimento-no-terreiro-pai-maneco/>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

TPM. Terreiro de Umbanda de Pai Maneco. *Instalações*. 2021. Disponível em: <<https://www.paimaneco.org.br/sobre-o-terreiro/instalacoes-do-terreiro-pai-maneco/>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

AMALÁ DIGITAL: Podcast do Terreiro Pai Maneco. Entrevistada: Lucília Guimarães. Entrevistador: Marco Antonio de Melo. [S. 6.]: Umbanda sem paredes. 16 jul. 2021. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/3Twedo2bwalHVcF1DthqLA?si=dQXPbBcpQe23Tf7pQ0WA2g&dl_branch=1>. Acesso em: 12 ago. 2021.

Recebido em 31 de agosto de 2021.

Aceito em 04 de janeiro de 2022